

ALCIDES PINTO

**CANTOS DE LÚCIFER**

1954

Irmãos PONGETTI — Editores  
RIO DE JANEIRO

CANTOS DE LÚCIFER

Primeira face: ELFE, ilustração de  
Odilon Redon, francês.

Última face: LÚCIFER e o BANDOLIN,  
desenho de Barbosa Leite, brasileiro.

## PROÉMIO

HYULLA, nos teus olhos  
os frutos amadurecem  
como, no outono, as pêras  
ao roxo sol da tarde.

A tarde, nos campos  
as pêras, a tarde  
o luar dissolve  
as pêras, as aves.

Ó, a beleza! A beleza que cuspo quando sonho, — o puro  
licor que adocece.

— Imagem! Ó pura imagem! Bôca, sexo, olhos, olhos,  
olhos que nunca mais hei de ver. És uma miragem,  
uma sombra que, ao tocar, diviniza-se.

— Prostituta! Nossa felicidade vai ser tragada por um  
vampiro, já.

## PRIMEIRO CANTO

*LÚCIFER, DEUS MAIOR*

NÓS, os aleijados, alojamo-nos pelos corredores do mundo. Sim, porque a lembrança da infância quando nos chega, sacode-nos dos sonhos como a presença de um pássaro. Do grande sonho que jamais reabilitaremos o sossêgo, sem uma chaga.

Mas, como habituar-me à morte? Pelo tédio? Sim, o tédio é como a morte. A vergonha de quem se despe. Os graves viajantes! Eles, que nos conduzem à morte. As prostitutas invadem os jardins e as casas santas. Estão salvas. Beijo-lhes os pés como se fossem as patas do cordeiro de Deus.

Eu nunca agradei as mulheres com perfumes. Meu carinho é rústico e quente como o dos cavalos e, se me alegre, sou como o herói, marchando sobre o corpo de seus mortos. Como os pássaros, eu busco a vida no ar.

A louca só possui seus trapos, mas está diante do mar com seu fogareiro. Ela viverá ali. Sempre.

Dorme. Os arcos do meu peito não se quebram, sustentam, com indiferença, todo esse Himalaia de dor.

A beleza! A beleza das águas escuras, das crianças mortas. Ó, passear à borda do mar, até a velhice e a morte, é o que nos reservam os mágicos da dor.

— Lúcifer, deus maior, eis teu filho, trespassa-o. Qualquer artifice hábil fabrica centenas de anjos.

Ó, se eu possuísse o amor dos animais, por certo não te imploraria um beijo. Como sou frágil! O mais forte dos heróis não seria menos covarde. Como uma lâmpada de azeite, me abraso dos pés aos testículos, onde a razão não chega.

Ó, aquela fêmea me sufoca. Está doida. É um pesadelo horrível. Senhor, me empresta teu crucifixo para afugentá-la. E eu estou dividido ao meio pelo umbigo, entre o reino de Lúcifer e o de Cristo. A névoa me isola como uma sombra, e só as águas escuras ainda amo. E o ar. Raramente o céu, lá, sem nuvens, distante. Os pássaros, como as crianças, apenas soluçam. E o mar é uma máquina suplicante, como as torres, onde os antigos executavam suas sentenças.

Ó homens-fêmeas!, se fosseis da minha têmpera, obrigariam vossas mulheres engolir êsses fetos.

O instinto desta época é o da antropofagia e do vício. Só os santos não prevaricam, Ó, mas como gemem, sob a solidão irrevogável da Eternidade.

Os frades oram... O mundo gira... E eu só creio no mal.

Em abril, as borboletas desabrocham, azuis.

## SEGUNDO CANTO

### *REINO INFERIOR*

AQUI, sôbre meu colo, esta cabeça frágil de criança, podre como uma flor no estérco. Ó, que odor amargo. Posso virar um corvo e avançar sôbre seus olhos. Esconde. Eu te rogo. Ou a piso insensível como se fôsse uma sombra. Que o mar a atinja. Eu, não. Evidentemente tua raça me destrói. Sim, tu nasceste sob o signo esquerdo da desgraça, só, como eu; apenas um enorme astro, lá, muito alto, revolveia com furor as águas. Não te ouço. Teu sangue não corresponde ao meu vício. E sua circulação é lenta e pesada como o giro da água estagnada. Foge para o centro da terra. Aprofunda-te até o inferno, ó filha querida de Lúcifer.

— Adeus, meu adorado anjo.

## TERCEIRO CANTO

### SOLUÇÃO

COMO o fruto malsão que esta árvore escura me atira. Minha infância!.. Posso fritar meus ossos? É verdade que, além da planície, ergue-se a tórre de penas? Estou ajoelhado aos pés de Cristo, descrente como se estivesse diante de um enorme sapo.

— Socorro! Socorro! O envelhecer das coisas me alucina.

— Vamos! Quem não teme a sorte? Aqui estão os dados, o baralho, o amulêto, e esta mulher, prostituta e ladra, cuja vida de miséria e crimes fê-la mais sábia que todos nós. Seu olhar é sóbrio e grave é a sua voz. “— Como, uma mendiga, sequestrada por uma tempestade de cinzas, eis-me aqui entre vós. Meu rosário é longo como os meus pecados. Tive filhos e matei-os. Amarrei minhas trompas com umbigos de cegos para não mais parir. Esterilizei-me. Dediquei-me ao estudo das ciências ocultas. Sei os desígnios que vos prepara o futuro. Para que revelar-vos? Já sois tristes como os bezerros enfermos. Acautelai-vos.”

## QUARTO CANTO

### IMAGEM

MEU paletó pende do cabide. Ó, vesti-lo para caminhar, que é doloroso vê-lo assim como um fantasma à minha espera. Lá fora cai um crepúsculo ardente. Os pássaros estendem suas línguas sobre as nuvens sanguíneas. Estão nus, depenados, mas bebem com furor o sangue do Ocaso.

As flores, sobre a mesa, crescem no silêncio amarelo do jarro. E estamos sempre dispostos a esperar que as coisas aconteçam, assim como a um entérro.

— Ó Catarina Labouré, eu não sei rezar. A oração é concebida. Senhor, ensina-me toda a casta de vícios sórdidos, para que se instale em meu peito o ato da mais vil compaixão. O mal, como o crime, reclama contrição. Prometo, Senhor, ser o mais devasso de vossos filhos, para que me acedas o perdão de que necessito para limpar o lodo desta alma pura. Ó, o perdão que apaga as nódoas, limpa o sangue das mãos, varre para distante as sombras negras do coração. Que seriam dos perversos, Senhor, se não obtivessem o vosso divino perdão? Ó, como sois, em verdade, misericordioso.



## QUINTO CANTO

### SAUDADE

TAL um velho dragão que se alimenta do próprio pó das orelhas, eu como o ar. Nas altas franjas silenciosas onde palpitam estrélas, lá, a minha infância dorme. Dorme? Que rubros sóis antes tu aquecias?

Ó, não me toques; estou tão puro como qualquer devassa. Tão na graça de Deus como quem acaba de cometer um pecado mortal, a maior perversão ante uma criança que nasce ou que morre. Sou um espírito puro, metafisicamente reencarnado num novo Cristo, nesta tarde que se acontece por si só. Sim, eu estou tão puro que já não tenho escrúpulo de tua alma de pecadora. Ó, mesmo porque depois de mortos, ainda há quem peque por nós.

## SEXTO CANTO

### *SANGUE*

ESTE anjo é um cretino. Uma pulga. Está estirado no vento. Sonha coisas esquisitas: um sapo orvalha o muro com sua baba; um mosquito atrela um cavalo com sua aldrava; um boi aéreo luta com um elefante no signo de capricórnio... E ri, o anjo lindo. Seus cabelos crescem como raízes para o centro da terra. Seus piolhos também. Sua inocência gira nos detritos escuros que boiam à flor do oceano. É o anjo do mal, o filho de um naufrago, o feto de uma bruxa. Seus olhos apagam o brilho. Agora está suspenso sôbre si como uma mósca. Voará. Fechem-se de chôfre tôdas as vidraças do mundo. Que o ar o dissolva. E que o ar que o dissolva, se gaste. Eu amo a dor dêste instante.

## SÉTIMO CANTO

### ESTÉTICA

AQUI se geram os sons sensíveis. Antigo templo. Acústica de sua cúpula sôbre anjos. Lembro-me agora a dimensão do ar, da cor, da luz, que as rosas esparsas do fundo desprendiam. Onde os olhos fitaram-nas, atônitos? A cor era a mesma, a de um bosque florido, roseado pela aurora. Tudo: pétala a pétala, com a sua língua, dissecaria o mistério da minha infância, qualquer sapo.

Sôbre que onda sensível nossos olhos pousam nas cores? Ilude-nos as formas que vislumbramos, estéreis. Nunca o fulgor foi mais que um sacrifício de nossos olhos. Som e cor recriam-se à cada ternura de nosso gesto.

Com Lúcifer, o deus maior, aprendi: "Nem é vermelho o vermelho nem branco o branco. Tudo é da cor que a luz produz. E a luz é do meu reino. Mesmo que se torçam todos os comutadores do mundo, restará a luz do meu inferno projetando os corpos. Nem chamem luz

o que vos digo: LUZ. Nem fôrça. Ou qualquer inspi-  
ração. Assinem vossas palavras de sangue em meu livro  
de sabedoria:

— Ódio ao criador da segunda luz.”

## OITAVO CANTO

### *FORMAS TATEIS*

A manhã floresce. A tarde é que sepulta nossa alma. E há os cemitérios ainda para nos entristecer. Mas a noite é sempre bela. Dela pendem os frutos, a lua, as estrêlas, os rostos de olhos escuros iluminados. Nosso futuro está atrás do espelho de nossas mãos. Os animais... Todos os bichos. Feras. Pássaros. Répteis. O amor... Tudo está sob o manto da noite esperando a alegria da conquista. Qual o aventureiro que se atira ao primeiro mergulho de trevas? Eu pugno pelas crianças. Pela sua boca. Pelo seu sexo vazio.

— Soltem êste rebanho de cegos! A dor que os guie sôbre a borda dos abismos. O som de seu tato mantém o equilíbrio de seu coração. E o vácuo que suas pegadas abrem no escuro, cosem o seu desespero. Assim se amparam.

— Ó vida!

## NONO CANTO

*MATIZ*

ÊSTE defunto é um homem como todos nós. Apenas dorme. Dêle é o silêncio mórbido das flores roxas. Seus olhos, como seus pés, estão apagados. Cegos. Indiferentes a qualquer som. Mas a sombra ainda o fere. Que o vácuo produz a luz todos nós sabemos, como há uma cor para a loucura e para o vício. A primavera sepulta êste campo de mortos. Gasta o inseto uma estação atravessando a fruta, mas o pássaro, em seu vôo para o alto, recria sucessivamente as horas consumidas. Do meio do mar, Lúcifer, com seu espelho mágico, observa o estreitamento dos polos, e ri: tudo converge para um ponto.

— Assim caminha o arco-íris.

## DÉCIMO CANTO

### SONHO

PESA-ME agora sôbre a cabeça todos os meus frustrados amores. O esqueleto das amantes! Onde seus seios e sua bôca a espargirem o mel de nossas carícias? Tudo o tempo roeu como a um muro antigo. E tudo num fechar e abrir de olhos; tudo quase numa noite foi consumido, como um biscoito moído por um rato. Quantos sonhos! Quantos desejos ardentes!

Raras vezes lembro-me dos seus gestos, da curva de seus cabelos, da côr dos seus olhos. Mas, esta recordação, é sempre sob o pó de um irreparável momento de tristeza. Vidas! Estão mais mortas que lagartas frias sôbre a lama.

— Ó minhas queridas virgens, contudo vosso sexo está ainda por apodrecer sob a ternura do meu coração.

## DÉCIMO PRIMEIRO CANTO

### MIRAGEM

O céu! Ó, o céu eu tanto o quero, como o ar e a luz.  
Mas, Lúcifer, Lúcifer é que me faz conjurar. Estou  
pefo mal, não há remédio. Pelo vício e pelo crime.  
Não há solução para nada, nem mesmo pelo que optamos.  
Os rouxinóis, os insetos nocivos, os peixes e os micróbios.  
A peste. Sou contra os sais, as areias... Mas amo o  
deserto. O seu só. O som do seu vento. O seu teto  
estrelado.

Há vidas que não se entendem, como a da lesma,  
a do vendedor de pèras, a do trocador de cavalos; a  
vida dos santos, por exemplo.

Dor, é o que esplende em todo riso. As máscaras  
são para fingir. E todos nós as usamos com freqüência,  
mesmo quando dormimos. Nossa máscara diurna é menos  
indiscreta, ridiculariza-nos a todo momento, sem piedade.  
Culpamos a luz que nos distingue. Mas é a nós mesmos  
que devemos culpar. Por que não dormimos eterna-  
mente? Há os que dormem sem cessar e, de seu coração,  
desapareceram o ódio e as decepções do mundo.



## DÉCIMO SEGUNDO CANTO

### ÊXTASE

— EM nome do Sagrado e do Divino eu vos outorgo esta sentença: Morte à Arte, esta infame visão das sete cores do iris.

Um homem vos fala do meio da multidão. Observai a amargura de suas palavras, o esquivo dos seus gestos, a luminosidade de sombra quando profere: Anunciação! Este inventor de almas denuncia o testamento de vossas cabeças. — Pó — diz o profeta. Não vos iludais: tudo morre para vossa alma e para vosso corpo. Ludibrio: as côres, os frutos, as flores, o som, o ar, a luz.

— Outrora, nalguma cidade santa, um homem dizia de seu sacrifício para vos salvar. Em verdade estais salvos. Bravo! Mas vossa alegria fugiu de vosso coração. Aí se introduziu o vício, o ódio, o terror!

— Vosso, só vosso, é o vosso amor. Porisso, ressuscitai de qualquer palavra ôca, vossa alegria."

## DÉCIMO TERCEIRO CANTO

### *DO RELATIVO AO ABSOLUTO*

HYULLA! Hyulla! Hyulla! Ó mil demônios!...  
Ó, a minha língua seca, vira cinza, ao calor da mais alta  
pressão dos mil fornos do inferno.

Senhor, eu estou morto, nu e sêco sôbre um esta-  
leiro de vidro, onde o luar apenas bate, macio. Em mim,  
agora, essa inefável saudade das coisas do outrora.  
Feitos de pó, com a vespa, meus testículos desapare-  
cem, quando, à tarde, reclino-me sôbre meu ossuário.  
No entanto, somos ainda condenados à vida, porque a  
nossa morte já não é um evento, nem tampouco uma  
passagem para a Eternidade. Morremos de fome.  
Desesperados. Brutos!... — Traímos nosso Criador e  
fazemos da mentira e do vício o nosso código-moral.

## DÉCIMO QUARTO CANTO

### AMOR

MEU destino são as armas. As espadas! Estiletos que atravessem o crânio. Depois, o assalto ao castelo, onde encarceraram a princesa.

Amo muito a ti. Por ti corre o sangue que inunda o Horto. E por ti colunas de fumo erguem-se sólidas, como gladiadores desafiando os astros. Sòzinho criei êste tumulto, declarei esta guerra, que Lúcifer, de seu trono, espreita com pavor. Breve estarás salva. Vejo que minhas vestes estão rôtas, os cabelos partidos, o corpo desmembrado. Mas, o coração, que é teu, nunca pulsou com tanta fluidez, aqui, no peito.

## DÉCIMO QUINTO CANTO

### MARTÍRIO

OS loucos dormem mansos como feras. Gordas  
móscas levitam exercitando seus podres bandolins. Estou  
pobre, meu Deus. Pobre e ulceroso como Lázaro, igual  
a um mendigo, confesso. Todo o meu contentamento vem  
da morte. Mesmo o de beijar-te o coração, a boca san-  
guínea, os olhos que não cessam de chorar, as mãos, o  
dorso, os pés de infeliz asceta, condenados a transportar  
a angústia infinita do rosto.

— Ó, o sangue da alma, criatura, sufoca-nos.

## DÉCIMO SEXTO CANTO

### *SEQÜENCIA AGRADAVEL*

OS bezouros comem as manhãs. São os nossos pecados. Lembro-me de certo mártire de orelhas bichadas que a fome mordia-lhe o estômago cenceroso. Estava exposto ao sol do meio-dia. Era um fruto podre que uns poucos pássaros escuros vigiavam. Estava prestes a morrer. A fome obrigava-o a comer o couro chagado das mãos. Onde estava Deus, o Todo-Poderoso? A infame vida da minha adolescência, podre como aquêle Lázaro. Não me restituem os cabelos perdidos, por que? Ó, o vento, o vento, o vento, — êste higiênico ladrão universal. Não posso viver sem a pureza da minha infância, sem os aparos das minhas primeiras unhas, sem o lago da minha urina primeira, a primeira palavra pronunciada: Hyulla! Viver do pecado alheio já não é possível. Procuo meus primeiros encantos infantís. Tudo se corrompeu; a tudo o vício cobriu com a sua ferrugem destruidora: meus pais, meus irmãos, meus tios, todos os parentes e todos os bons amigos. Urinei na pia do meu batismo. Que anjo cínico! Não sou um

cretino. Jamais. Meu corpo é puro como um punhal de assassino. As sombras me atravessam. Sou um faquir. E, às auroras, estou úmido de lágrimas como os santos, e choro sôbre os meus joelhos, para que renasça, do sacrifício e da dor, a minha desgraçada infância corrompida.

## DÉCIMO SÉTIMO CANTO

*HYULLA*

ESTA criança rebela-se pelo infortúnio de ter nascido só. Ameaça a ciência com a sua prosecta profecia: “— Eu estudarei a fisiologia do som, do ar e da luz. Atesto-vos: Encontrarei a minha origem.”

“— Meu pai! Querido seria vê-lo nos astros, entre as cintilações de Andrômeda!”

“— Maldita! Teus pecados me goraram os sonhos. Nunca poderei vê-lo, alcançá-lo, tocar-lhe o corpo fluído, segui-lo. Crescerei, criarei piolhos, feridas. Ensinar-me-ás a amar, como proceder nas orgias, praticar vícios sórdidos: mentir, dilatar a língua, o gôzo invertido, atraíçoar.”

“— Tudo isso! Não terei mais fôrças para realizar minhas pesquisas. Meu pai não me reconhecerá.”

“— Maldita!”

## DÉCIMO OITAVO CANTO

### VISÃO

LÚCIFER, o meio-dia incendeia o campo. Transforma meus testículos em duas frescas açucenas. Meu pai dizia: "Amas o prado. Quando cresceres serás manso e rebelde. Terás o gênio do carneiro. Não te curvas a ninguém. Nem a morte te vencerá. Serás feroz e gentil. Viverás da lembrança da tua infância. Não esquecerás o prado, os pássaros que sufoavas entre as mãos, o terror às cobras que assoviavam do rio, o cemitério, o bicho da meia-noite, a fome que te ceifava os sonhos. Jamais esquecerás a voz do teu avô, — o pobre louco!"

— Lúcifer! — Ó condenado! A razão está comigo e com os deuses. Alimentamo-nos de verdades celestes. Corrigi meus erros. Conquistei o terror à morte.

— Pobre Satanás! Pertença ao reino de Cristo. Perdeste uma grande alma, apesar de tãda a tua prudência.



## DÉCIMO NONO CANTO

### *SISTEMA*

ESTOU com a medalha na bôca. Estou soluçando.  
Estou lícido. Estou nu. Farejo nessa luz escura da  
terra os pés dos meus avós atravessando o mundo, mar-  
chando sôbre o áspero destino da minha vida.

— Vêde! Caminho para o Éden. Enfim, caminho  
para o Éden.

## CONCEITO CRÍTICO

Alcides Pinto, que estreou promissora-mente, apresentando seus poemas de "Noções de Poesia e Arte", obra saudada pela crítica como original e reveladora de legítimo talento poético, retorna com este novo livro de versos — "Pequeno Caderno de Palavras".

Ainda aqui a nota da originalidade nos impressiona. Realmente, este jovem poeta não revela seus parentescos líricos. Ele marca novas inflexões, numa forma muito pessoal, e emocionada com reagentes inéditos ou, melhor, valoriza pelo estro singular o material poético mais simples e mais descomplicado. Não pertencendo ao grupo dos herméticos, dos charadistas da poesia nova, Alcides Pinto, muito pelo contrário, compõe seus poemas quase linearmente, sem recurso ao vocabulário apocalíptico, deixando-se levar pela emoção lírica a um perfeito estado poético, que só o verdadeiro poeta pode conseguir sem os artificios retóricos e o rebuscamento temático. O próprio título do seu novo livro marca esse propósito de simplicidade pertinente a toda a sua poesia: "Pequeno Caderno de Palavras" está falando da pureza, da inocência deste poeta desarmado diante de tanta poesia prevenida, blindada, como é costume lermos agora.

Isso, entretanto, não é atitude, mas a própria condição de sua poesia. Seu mundo tem esse caráter primitivo, essa espontaneidade quase bárbara, onde a emoção palpita, viva e vigorosa, como numa gênese incontrolável. Seu trabalho de artesanato é o de escolher, de desbastar, reduzindo o poema à sua síntese, por meio de uma forma sempre correta, específica. Com isso, ele nos dá ao mesmo tempo essa impressão de força e de secura, uma poesia magra, enxuta, sem sentimentalismo, sem abundâncias barrocas, sem qualquer sinal de vulgaridade.

Mais do que em seu livro anterior, sentimos aqui o poeta a sós consigo, Alcides Pinto é um solitário e um amargo. Amaríssima, poderemos dizer de sua poesia. Amarga, mais do que pessimista, porque este poeta evita toda filosofia, todo conceito, como elementos antipoéticos por excelência. Solidão e amargura, eis os seus dois polos, os dois signos deste lírico que atinge por vezes o mais fundo da emoção dramática, dono do mistério poético e capaz de criar momentos de grande beleza artística com o mísero vocabulário de todos os dias.

Como está em uma das páginas mais belas e terríveis deste livro, Alcides Pinto é o poeta, aquêle que se revela um monstro — “capaz de destruir Deus, se o encontrasse plantando árvores.”

EDMUNDO LYS

O autor de “Pequeno Caderno de Palavras” não é um estreante. Seu trabalho “Noções de Poesia e Arte” mereceu vivo noticiário por ocasião do seu aparecimento, pois o poeta, além de reunir nele uns tantos poemas, desfilou uma série de meditações e conceitos sobre poesia. Nesta nova coletânea, entretanto, Alcides Pinto se limitou aos versos. E é evidente o progresso do poeta, naquele clima seco e trabalhado que inaugurou entre nós João Cabral de Melo Neto, Alcides Pinto parece ter encontrado a sua linha definitiva. Se se percebe vez ou outra a preocupação do poeta em não se distanciar da expressão que elegeu, não se pode negar o esforço com que procura ser sincero e pessoal, mesmo original na sua temática e na escolha dos símbolos.

AFONSO AVILLA

Alcides Pinto já possui em sua alma o sofrimento amadurecido do poeta, rico de experiência humana, pois quem escreve o belo e forte poema “Ante o túmulo de minha irmã Gerci” traz em seu âmago a marca do artista maior, faltando-lhe apenas uma consistência de diretriz denunciada por

vários outros versos, ou porque lembra suavemente a personalidade do imensamente lírico Deolindo Tavares (admiração que o autor não esconde) ou porque algumas vezes cai num surrealismo um tanto quanto fácil. Sei que essa descida ao inferno surrealista faz parte da necessidade interior de Alcides Pinto, e aceito integralmente os versos de "As navalhas", pois há neles aquela autenticidade necessária à comunicação, mas quando atinge as alturas ócas do "Poema branco", esse surrealismo não me surpreende. Mas essas pequenas caídas não desvalorizam esse belo e forte livro, cheio de grandes imagens, marcando um poeta capaz de realizações superiores, quando menos sombria for a luminosa presença de Deolindo Tavares que colore, no momento, os poemas em prosa de Alcides Pinto, e quando encontrar a sua real personalidade que já se identifica em "Ante o túmulo de minha irmã Gerci" e outros.

CYRO PIMENTEL

---

Alcides Pinto é partidário da poesia sêca, sem arabescos, sem brilhos quase sempre falsos. "Pequeno Caderno de palavras", só o é no n.º de páginas.

ARDIAS LIMA

---

Alcides Pinto reaparece em livro com o "Pequeno Caderno de Palavras". O autor de "Noções de Poesia e Arte" promete para breve outro volume, que será o terceiro em sua bibliografia lírica: "Cantos de Lúcifer". O poeta Alcides Pinto coloca-se em plano lírico de grave elevação, sendo a sua uma poesia de conhecimento e indagação da dor humana, traduzida em termos de muita atualidade, quanto à semântica usual entre os mais modernos descobridores de expressões poéticas.

HILDON ROCHA

O estreante Alcides Pinto dá-nos, já com o seu primeiro livro, uma contribuição original à poesia brasileira.

—  
SERGIO MILLIET

"Além da vantagem moral, possui o Sr. Alcides Pinto, a seu favor, a precisão das palavras."

—  
RENATO JOBIM

O poeta Alcides Pinto é um cultor profundo de todas as manifestações da Arte. E como a Poesia é uma das formas mais sublimes do culto à arte, o autor deste delicado livro que é "Noções de Poesia e Arte" tem, nesse delicioso conjunto de poemas a oportunidade de se revelar um poeta moderno, repleto de imagens portentosas, possuidor de um estilo vibrante e emocional. "Noções de Poesia e Arte" é um livro que se lê com prazer e faz com que se aguarde outros trabalhos de tão magnífico poeta.

—  
DIOMEDES GARRIDO

